



Cânones revirados: o que o público de Paulo Coelho tem a dizer para os críticos

Canons turned inside out: what the public of Paulo Coelho has to say to his literary critics

SAYONARA AMARAL DE OLIVEIRA

Universidade do Estado da Bahia – Salvador – Bahia – Brasil



Resumo: No decorrer de sua trajetória literária e profissional, o escritor Paulo Coelho, reconhecido pelo seu grande êxito de público, foi alvo de muitos comentários negativos por parte da crítica especializada. No presente artigo, busca-se abordar o modo como o público leitor responde a esse posicionamento da crítica, levando-se em conta as suas peculiares formas de reação diante do assunto. Com esse propósito, são examinadas algumas mensagens postadas pelos leitores nos *blogs* de Paulo Coelho na internet. A partir dessas mensagens, são analisados os pactos de leitura que evidenciam o cânone literário e cultural do escritor, constituído em diálogo e tensão com os valores do campo literário instituído.

Palavras-chave: Paulo Coelho; Leitores; Crítica; Literatura; Legitimidade

Abstract: In the course of his Professional and literary career, the author Paulo Coelho widely recognized by his success with his public has been criticized by some of the well known critics. In this article, we discuss how the big public and readers respond to the position of some literary critics, taking into consideration particular forms of reaction about this topic. Having in mind this purpose, some messages posted by his readers on Paulo Coelho's blog are examined by us on the internet. From these messages, the reading pacts that show the literary and cultural canons of the author are analysed, building themselves into dialogues and tensions alongside with the values of the established literary Field.

Keywords: Paulo Coelho; Readers; Criticism; Literature; Legitimacy

É um fato incontestável que o êxito das literaturas veiculadas em escala massiva independem da aprovação das instâncias de saber tradicionalmente autorizadas a legislar sobre o literário, como a crítica ou a escola, por exemplo. A consagração das produções artísticas nos circuitos de bens culturais ampliados ocorre à revelia dos juízos dos especialistas, que com frequência se mostram avessos à legitimidade dessas produções e defendem critérios valorativos bem distantes de serem compartilhados pelos chamados leitores comuns. Contemporaneamente, na contramão das exigências estéticas informadas pela crítica especializada, o mercado editorial avança enchendo as prateleiras com um material sempre mais sortido, ao tempo em que nas mídias digitais prolifera um sem-número de novas vozes literárias antes impensadas, tudo isso convergindo com a despreensão de atender aos ditames de uma cultura considerada mais erudita.

Constatar a autonomia cultural dos circuitos de produção e recepção massivos não leva a concluir, todavia, que tais circuitos são impermeáveis à força simbólica dos discursos que emanam da instituição literária, em sua versão mais ortodoxa. O grande público não está alheio às opiniões da crítica sobre as produções ou produtores culturais que são do seu agrado. Essa observação é cabível sobretudo na contemporaneidade, quando o uso ou consumo da imagem pública dos artistas se torna imperativo ante o crescimento vertiginoso da mídia. Em tempos de cultura do espetáculo, o capital simbólico reunido por um escritor através de mediações diversas, a exemplo da crítica especializada, fica disponível à apreciação de públicos cada vez mais expandidos, fazendo com que a sua recepção se efetive para muito além dos textos literários que cria e publica.

Tome-se aqui o caso exemplar de Paulo Coelho. Marcando presença significativa na cultura massiva

contemporânea, cujo êxito de público somente tem se comparado ao de Jorge Amado, tanto no Brasil como no exterior, o eminente autor de *O alquimista* se tornou alvo de muitos comentários desfavoráveis por parte da chamada crítica especializada. Ao longo de uma carreira profissional que já conta hoje com mais de 20 anos, a sua produção foi acusada de não apresentar qualidade literária, de ser fruto de um escritor cuja atuação se resumiria à de um recordista da literatura de massa, tida como sinônimo de sublitteratura. Em tons e timbres diversos, tal leitura judicativa foi abundantemente reiterada, sobretudo na imprensa, confirmando uma tendência seguida por boa parte da crítica na cultura midiática contemporânea, quando “só parece haver lugar para a palavra afirmativa, a campanha (promocional ou demolidora), o *slogan*”, nos termos de Flora Sussekind (2003:16).

Sobre o trabalho que a crítica tem operado em torno de Paulo Coelho, é válido assinalar a publicação de dois livros na década de 2000, produzidos por professores universitários da área de Letras e cujos títulos dispensam maiores comentários quanto ao propósito de suas abordagens – *Por que não ler Paulo Coelho...*, de Janilto Andrade, e *Os 10 pecados de Paulo Coelho*, de autoria de Eloésio Paulo. Considerando o prestígio intelectual e o valor de perenidade que o suporte livro detém na tradição cultural letrada, a iniciativa dessas publicações representa decerto um importante acréscimo à institucionalização da carreira do escritor, que contou com uma fortuna crítica predominantemente veiculada na mídia ligeira dos jornais e revistas.

Contudo, feita a ressalva, pode-se constatar que os ensaios publicados por esses professores em nada se distanciam do tratamento depreciador que a crítica jornalística tem dispensado à produção do escritor. Um tratamento que toma por base critérios de apreciação estética cultivados por uma tradição crítica moderna, em sua aversão à cultura de massa, e cuja influência apresenta ainda um longo alcance na atualidade. A título de exemplo, são dignos de nota os impropérios registrados numa passagem do livro de Janilto Andrade, a partir dos quais se revela a presunção do especialista em desancar tanto o autor quanto o público que usufrui da sua obra: “*Sir Paulo kitsch Coelho* escreve o seu sucesso financeiro com textos desconchavados, recheados de emoções fáceis e previamente fabricadas. Textos como *O Alquimista* servem de alívio momentâneo ao imaginário de leitores médios” (ANDRADE, 2004, p. 23).

Cindida entre a celebração de um público amplo e a condição de não-pertença à “literatura” por vozes que se ocupam de arbitrar sobre o literário – eis a configuração bipartida sobre a qual a representatividade de Paulo Coelho se dá a conhecer. Uma configuração que é disseminada nas ramificações difusas do campo

literário e cultural, sendo consentida e compartilhada por jornalistas, ensaístas, professores, articulistas e demais vozes representativas de canais ou setores competentes no campo. Como não poderia deixar de ocorrer, é com esse formato que o capital simbólico do escritor chega também até o seu público, tornando-se mais difundido à medida que o consumo de sua figura e de sua vida profissional se expande fluentemente em diversas mídias.

Considerando que a instituição literária, representada pela crítica especializada, cuida de demarcar as barreiras que a separam do imenso público de leitores de Paulo Coelho, cabe indagar sobre o modo como esses leitores respondem a tal cisão, quando se compreendem posicionados do outro lado da fronteira. Cabe perguntar, por exemplo, de que maneira os leitores conduzem as suas demandas de identificação e de reconhecimento pelo escritor, tendo em vista o lugar que este ocupa junto a instâncias legitimadoras da literatura. Isto é: como reagem aos protocolos de distinção e hierarquia cultural que envolvem a figura do escritor e que lhes interpelam no seu lugar de leitores, fãs, admiradores?

As respostas para essas perguntas podem ser buscadas nas correspondências postadas por uma comunidade anônima de leitores que comparece nos *blogs* de Paulo Coelho, na internet. Nessas caixas postais virtuais, as mensagens enviadas pelo público trazem universos singularizados, demandas, gostos e protocolos de leitura diversos, compondo, assim, uma sugestiva fonte para um estudo de recepção.¹ Com suas falas personalizadas, singelas e também vigorosas, os leitores lançam mão de múltiplos assuntos e assumem posições variadas, mas, em conjunto, comungam da condição de exporem as suas opiniões e conhecimentos sobre literatura, à revelia dos juízos estéticos hegemônicos ou elitizados. São relatos de leitura não especializados, muitas vezes chamados pejorativamente de leituras comuns, que alcançam uma dimensão afirmativa nesse espaço singular para o trânsito de expressões culturais que a mídia digital hoje favorece.

Em meio à autonomia e liberdade discursiva que marca a postura geral dos leitores nas páginas eletrônicas assinadas pelo escritor, surgem falas denunciadoras de uma significativa inquietação. No interior do expressivo volume de mensagens enviadas, configuradas majoritariamente sob forma de homenagens e felicitações, um grupo de leitores faz referências às críticas, em geral negativas, direcionadas a Paulo Coelho. E nesses depoimentos, pode-se divisar, em claves diferenciadas

¹ Realizei esse estudo na minha pesquisa de doutoramento, que resultou na tese *Na transversal das citações: um estudo da recepção de Paulo Coelho nos blogs do escritor* (Cf. OLIVEIRA, 2010). Parte das reflexões desenvolvidas neste texto é fruto da pesquisa, que tomou como *corpus* 3.134 mensagens de leitores de língua portuguesa, postadas desde meados de 2006, quando os *blogs* foram inaugurados, até o final de dezembro do mesmo ano.

mas convergentes, notas de descontentamento e até de aflição frente ao assunto abordado, como se pode ler a seguir:

Priscilla

18/12/2006 às 3:34

Paulo,

Tenho muita curiosidade em saber o porque dos professores da minha faculdade criticarem tanto seu trabalho, um deles disse que você andava com Raul Seixas e que o ajudou a fazer várias de suas letras, que tinha poesia, mas que virou o que vemos hoje. Como faço faculdade de Letras – Tradutor Intérprete, meus professores são muitos críticos, e os comentários sobre você são muitos, alguns dizem que seu livro faz sucesso em outros países por causa dos tradutores dos seus livros.

Comprei o livro da Bruxa de Portobello hoje, e já havia lido o *Brida*, gostei, mas as críticas na faculdade são tantas que fiquei com receio de comprar outro... mas não resisti... espero gostar.

Eu queria saber sua opinião sobre todas essas opiniões a respeito da sua Literatura, eu gostaria tanto de mudar meus conceitos a seus respeito...!²

Na mensagem da estudante universitária, as críticas incisivas e constantes dos professores, definindo a produção de Paulo Coelho como menor, depõem contra a legitimidade do seu gosto, o que a leva a participar dessa preocupação ao escritor. Trata-se de uma situação, sem dúvida, embaraçosa, visto que o agravo não envolve apenas a sua vida cultural como leitora, mas compromete sobretudo o *status* do seu interlocutor, o qual ela expõe agora publicamente no *blog*.

Quanto aos quesitos apresentados pelos professores para justificar o juízo que fazem do autor, o que está em jogo é o tema recorrente da carência de qualidade estética, seja no tocante à comparação entre a fase com Raul Seixas e o momento atual (pela vaga acusação da falta de poesia), seja no que diz respeito à tradução dos seus livros em outros idiomas. Esse último tópico merece uma reflexão pontual, já que é bastante enfatizado pela crítica, tendo sido, inclusive, abordado na revista *Língua portuguesa*, uma publicação mensal cujo público-alvo é composto predominantemente de estudantes e professores do Ensino Médio e demais interessados em assuntos ligados à língua e à literatura.

Numa matéria da revista, assinada por Ronaldo Albanese (2006), especialistas da área, recrutados com o

objetivo de explicar o fenômeno de público do escritor, afirmam, dentre outras colocações, que a versão francesa de *O Alquimista* é esteticamente superior à edição original brasileira. Desse modo, o sucesso de Paulo Coelho no exterior se justificaria mais pelo trabalho bem realizado dos tradutores do que pelos seus dotes literários. Não é por acaso que na capa da revista, tendo como fundo uma foto do escritor, a matéria é apresentada com a seguinte chamada em letras garrafais: “Afinal, ele escreve bem?”

Examinada mais de perto, a avaliação dos críticos permite tecer algumas inferências. Atribuir o grande êxito internacional de Paulo Coelho às supostas melhorias da tradução estrangeira não somente implica em desqualificar a competência do escritor em seu ofício. A desqualificação incide também sobre a representação do público brasileiro, junto ao qual o seu sucesso não é menor. Na comparação entre os dois públicos, subentende-se que os leitores que consomem a obra no idioma original dispensariam um tratamento de linguagem mais elaborado ou “elevado”. Caso diferente ocorreria no exterior, em especial na França, onde o mercado seria mais exigente – é conhecido o prestígio que a cultura francesa alcançou no imaginário ocidental. Em resumo: o capital cultural do leitor estrangeiro é prestigiado, ao tempo em que se descapitaliza, juntamente com o escritor, o seu leitor nacional, pois este último estaria situado no mesmo patamar de inferioridade estética e intelectual que a crítica confere à obra-fonte, escrita na língua materna.

Nessa condição que especialistas colocam para o reconhecimento do sucesso internacional do escritor, pode-se então interpretar o modo como os protocolos de leitura que priorizam a estética culta, marcada pelo que se entende ser um alto nível de elaboração formal, vão se desdobrando em outras formulações excludentes no âmbito da cultura. E são os efeitos dessas exclusões que repercutem, mesmo indiretamente, no dilema que atravessa a mensagem da leitora transcrita acima. Não é por acaso que a remetente busca demarcar a sua identificação como estudante de Letras, atestando os laços de pertencimento com uma instituição categoricamente especializada no tratamento, na seleção e na validação do literário. Além da ênfase na sua formação como tradutora, o cacoete de grafar o vocábulo literatura com inicial maiúscula, que reitera a marca distintiva de um discurso socialmente privilegiado, também serve para testemunhar essa filiação.

Mas em sua fala, é notável também que tais laços de pertencimento institucional oscilam, visto que o apreço pela produção do autor parece sobrepor-se à influência das opiniões críticas. Apesar de apreensiva, a leitora continua envolvida com os seus livros – “mas não resisti”, acaba declarando. E assim, dividida entre o escritor de qualidade questionável e os especialistas que

² Na transposição dos textos postados pelos leitores nos *blogs*, mantenho as suas marcas linguísticas originais. Quando da transposição integral e parcial das mensagens, opto também por preservar a configuração original que apresentam na página eletrônica, com os nomes dos remetentes e a indicação de data e horário de postagem.

o condenam, a estudante anseia por firmar um conceito sobre o assunto. Note-se que ela diz querer “mudar os seus conceitos”, sugerindo já estar inclinada a desobedecer às orientações prévias dos professores. Contudo, para tomar uma decisão, procura saber o que próprio Paulo Coelho dirá sobre o caso, talvez buscando refúgio numa outra voz autorizada, que poderá apaziguar os receios quanto à validade da sua escolha.

Em boa parte das mensagens dos leitores que se dirigem aos *blogs* para expor inquietações dessa ordem, o papel da mediação escolar ou acadêmica surge como um mote recorrente, o que é compreensível dada a proeminência da educação formal sobre os temas pertinentes ao campo de saber da literatura. Mas é importante ressaltar que o mal estar expressado não envolve apenas estudantes, tendo em vista a frágil posição que estes ocupam na hierarquia da instituição escolar. Em outra mensagem dirigida ao escritor, de forma singular, será a vez de um professor se pronunciar, revelando um incômodo semelhante:

Moises neto
29/12/2006 às 4:33

sou professor de literatura no recife com mestrado em letras pela UFPE mesmo assim vacilo para indicar um livro seu como leitura obrigatória, apesar de ter lido todos até o demônio e a srta. Pym.
quando falam coisas como a história da saia e do manto (folha de são paulo) e incorreções outras como você se sente?
sei que você não vai me responder, mas lhe admiro muito.
abraço,
bom 2007!
moises neto

Já na abertura do depoimento, que é redigido de maneira bem direta e lacônica, o remetente apresenta as suas credenciais, declarando uma formação escolar plena e o acréscimo do título de mestre em Letras. Considerando a sua ocupação profissional e titulação, o embaraço diante do assunto que o traz até Paulo Coelho pode ser interpretado como ainda mais agudo se confrontado com o caso anteriormente relatado pela estudante. Aqui, o leitor declara ocupar duas posições distintas, a de consumidor voraz da obra de Paulo Coelho e a de professor de literatura, voz autorizada e responsável pela formação de seus alunos, junto a uma disciplina cujo capital intelectual se faz altamente codificado e valorizado. É a partir dessa condição cindida que ele afirma vacilar diante da possibilidade de indicar os livros do autor como parte integrante das tarefas escolares regulamentadas, a título de leitura obrigatória nas aulas, segundo declara.

Os motivos da sua insegurança decorrem dos juízos incidentes sobre a produção de Paulo Coelho, os quais são referidos quando o leitor cita a matéria do jornal. Ao comentar o romance *A bruxa de Portobello* por ocasião de seu lançamento, o jornalista Marcelo Pen (2006), que assina essa matéria, acusa Paulo Coelho de usar recursos literários limitados para contar “histórias descomplicadas como uma cartilha infantil” (PEN, 2006:3).

As críticas que detêm a atenção do remetente da mensagem certamente não colocam em risco a sua estima particular pelos livros que tanto o atraem. E essa condição torna o seu caso mais tocante, pois, leitor assíduo da obra, o professor de literatura encontra dificuldades em assumir a preferência por uma produção desqualificada, a qual deve, portanto, ser omitida. É diante do desconforto que, indeciso, também recorre ao julgamento de Paulo Coelho sobre o assunto, embora não pareça contar com uma resposta efetiva. A sua expectativa sinaliza para o desejo de que, com algum argumento eventualmente proferido em causa própria, o escritor possa então lhe conceder as ferramentas adequadas para respaldar a sua posição de fã e admirador – posição que ele faz questão de reafirmar ao final da mensagem.

Nos *blogs*, não constam comentários do autor em resposta a essas queixas e solicitações dos leitores. Contudo, é válido anotar a ocasião em que, numa entrevista, ao ser interpelado para falar sobre a recusa que a crítica demonstra por seu trabalho, Coelho revida nos seguintes termos: “Normalmente os críticos estão acostumados a elogiar uma coisa e todo mundo vai ‘comprar’, mas comigo aconteceu o contrário. Eles não falam bem porque não viram a origem da coisa e não se julgam responsáveis” (apud KISS, 1990, p. 4).

O autor se reporta ao fato de que, no início da carreira, não precisou contar com o batismo da crítica para alavancar e assegurar o seu grande êxito literário. Ele somente veio a obter as atenções da mídia após já ter distribuído mais de 500 mil exemplares dos seus romances iniciais – *O diário de um mago* e *O alquimista*. Nesse comentário provocador lançado aos seus detratores, confirma-se que o aval do grande público foi a mediação fundamental para validar e consagrar a sua produção. Um aval tão poderoso e fulminante a ponto de assegurar que o escritor, ainda com o nome desconhecido, migrasse rapidamente da obscura Editora Eco, onde havia selado o seu êxito inicial, para a prestigiada Rocco, no início dos anos 1990.

Talvez aqueles leitores, que escrevem para relatar os seus conflitos, não se reconheçam nessa autonomia que o grande público possui para formar os cânones. Ao contrário, tais leitores parecem não identificar nesse poder de consagração maciça uma razão suficiente para ignorar as opiniões contrárias dos especialistas.

O dilema que se deslinda nos seus depoimentos em muito se aproxima do que Pierre Bourdieu entende ser o reconhecimento implícito da legitimidade cultural, o qual se manifesta diante do sentimento de se estar excluído da cultura considerada legítima. O sociólogo observa que, frente aos valores artístico-culturais instituídos, tende-se a dois tipos de conduta aparentemente opostas: “a distância respeitosa dos consumos mais legítimos” e “a negação envergonhada de qualquer prática heterodoxa” (BOURDIEU, 2004, p. 132). Desse modo, nas situações em que se impõe tratar das relações com a cultura erudita, as pessoas em geral simulam aderir a um repertório cultural de prestígio, ao tempo em que sentem a necessidade de esconder ou soterrar determinados tipos de consumo ou gosto tidos como sem valor.

As demandas relatadas pelos leitores quanto à legitimidade de Paulo Coelho passam, sem dúvida, pela condição de assumirem ou de negarem as suas preferências por uma produção severamente recusada. Diante dos discursos e vozes autorizadas que conformam a instituição literária, restará a esse público apenas admitir os seus constrangimentos de leitura (ABREU, 2007) ou relatar que cultivam muitas vezes em silêncio, na clandestinidade, o sabor pela obra do escritor – como no depoimento exemplar daquele professor de literatura.

Mas a essa altura, é fundamental observar que, em meio às mensagens postadas nos *blogs*, as manifestações dos leitores envolvidos com essa temática vão além dos impasses que atormentam professores e estudantes. Numa direção oposta, outros depoimentos vão revelar que os dilemas e constrangimentos não são as únicas formas possíveis de se negociar com as hierarquias e distinções culturais experimentadas diante da instituição e de seus representantes. Sem se deixar aprisionar no esquema das intimidações, há maneiras diversas de responder ao sentimento de exclusão, pela procura de rotas alternativas que suscitem outros tipos de enfrentamento. A seguir, é possível ler um exemplo dos diferenciados argumentos lançados pelos leitores com o intuito de dar vazão aos embates com a crítica especializada:

Denise

02/01/2007 às 11:34

Querido PAULO COELHO.

Sim, me atrevo a chamá-lo de querido porque para mim você é uma pessoa a quem nutro um profundo carinho, respeito e admiração.

Seu livro A BRUXA DE PORTOBELLO é sensacional, um quebra-cabeça muitíssimo bem montado.

Amei vc ter voltado ao seu “velho” e bom estilo. ONZE MINUTOS me amedrontou, tive medo de vc enveredar para outros estilos da literatura.

Não importam os críticos, vc é um mago, você fala da magia como ninguém e os que na verdade o criticam o invejam porque você sabe tocar na alma e no coração das pessoas. Você é um imortal da Academia Brasileira de Letras e adoro ver os professores de literatura no Ensino Médio serem obrigados a aceitarem as narrativas de seus livros pelos alunos. Saiba que os alunos, os adolescentes amam seus livros.

[...]

Na mensagem, a leitora se esmera em atenções e mostras de intimidade com o escritor, o que não a impede de tecer, inclusive, uma leve crítica quando se reporta ao temor de que Paulo Coelho tivesse abandonado o seu “velho” e bom estilo”. O romance *Onze minutos*, responsável por despertar essa sua inquietude, é o primeiro livro em que, após 17 títulos publicados, o escritor desvia das habituais figurações místico-esotéricas para investir em outras opções temáticas. E tal variação sem dúvida não agradou a remetente.

Embora inicie o depoimento tecendo considerações em torno da obra, nota-se que no decorrer da mensagem, o assunto da crítica vem a tona, o que imprime um tom de protesto no seu discurso. Ao buscar defender Paulo Coelho, além de se reportar à “inveja” dos críticos – um lugar-comum nos debates sobre as relações entre a crítica e os produtores de arte –, a leitora afirma positivamente as qualidades do escritor, enfatizando a sua honrosa imortalidade pela Academia Brasileira de Letras.

A consagração conferida junto à ABL por certo não ostenta o peso e o significado da legitimação literária constituída no meio acadêmico-universitário. O professor João Alexandre Barbosa, crítico de formação na área de Letras, em Teoria Literária, deixa essa distinção bastante explícita num artigo que publica na revista *Cult*, cujo título é, não por acaso, “Dentro da Academia, fora da literatura”. No artigo, defendendo valores alicerçados na estética da modernidade, o crítico afirma que a escrita de Paulo Coelho, devido aos excessos de lugares-comuns, não preenche os requisitos de originalidade e renovação suficientes para lhe emprestar um valor verdadeiramente literário. Por fim, Barbosa conclui que esse tipo de produção “pode até levar o autor (como muitos outros) para a Academia, mas ele(s) permanece(m) fora da literatura” (BARBOSA, 2003, p. 32-35).

É sabido que, em sua trajetória, a Academia Brasileira de Letras tem abrigado nomes de personalidades nacionais de destaque em diferentes áreas de atuação, e não diretamente ligadas ao cultivo da literatura como sinônimo de *belles lettres*. Essa relativa abertura no campo cultural já é condição suficiente para que a famosa Casa de Machado de Assis, como é conhecida, não obtenha grande credibilidade no meio acadêmico-universitário, o qual defende valores eminentemente estéticos na eleição

de seus cânones. Porém, ainda que um diploma de imortal da imortal da Academia não conceda a consagração segundo os princípios de literariedade postulados na universidade, a sua tradição enquanto “salão literário” ainda possui grande ressonância cultural. Daí que a crítica acadêmica especializada não fique indiferente à ABL e insista em separar o joio do trigo, como foi no caso de João Alexandre Barbosa.

O público em geral não discrimina as duas instâncias acadêmicas e seus distintos princípios de consagração no âmbito das Letras. Grosso modo, importa somente o poder de consagrar que o termo “academia” designa. É com base nesse poder que a leitora, em sua mensagem, ostenta o orgulho pelo título de imortalidade conferido a Paulo Coelho. E é possivelmente a partir desse poder que ela se reporta à instância escolar, comunicando que se deleita com a cena do confronto entre estudantes e professores diante da aceitação da obra do autor. Não há como ignorar aí um gesto de provocação, visto que a leitora alimenta a ideia de ver a autoridade dos especialistas, os professores de literatura, sucumbir diante das preferências dos alunos por Paulo Coelho. No seu discurso em defesa do escritor, a remetente festeja, com algum sabor de vingança, uma reviravolta nas posições hierárquicas que a crítica e o público ocupam no campo literário.

Em diversas mensagens postadas, torna-se evidente essa compreensão dos leitores em relação à divergência com a instância da crítica. Um remetente expressa todo o seu aborrecimento nos seguintes termos: “Paulo, eu li a crítica da Veja e pensei, será que o Paulo perdeu a mão? Mas como sempre não devemos levar em consideração o que os críticos de revistas escrevem!”. Em outra mensagem, uma leitora busca, ofensivamente, desautorizar a palavra dos críticos: “Paulo, e mais um vez você lança um obra e com ela vem aquela avalanche, de um lado nós ‘fãs’ e do outro os ‘críticos’ que se dizem entendidos... e sempre comentam a mesma ‘asneira’ NÃO LI E NÃO GOSTEI. Será que eles não cansam?”

É importante lembrar que a hostilidade demonstrada nesses trechos em muito se regula com a postura adotada nos discursos dos próprios críticos, aos quais os leitores procuram responder aqui na mesma moeda, transformando o espaço dos *blogs* numa espécie de tribuna. Diante dessas reações mais incisivas, pode-se então constatar que as inquietações relatadas pelos leitores não se restringem àquele dilema de ter que assumir ou não uma preferência literária desvalorizada.

Dando continuidade à leitura das mensagens, é possível ainda observar que nem todos os leitores optam por expressar o seu desabafo por meio de falas vingativas e bravatas. Buscando resguardar a imagem de Paulo Coelho, em outros discursos são expostos argumentos que permitem inclusive alargar o entendimento das motivações

que cercam aquelas demandas de animosidade do público. O trecho destacado abaixo serve como ilustração:

Giovana

27/09/06 às 23:12

Meu querido amigo Paulo:

Hoje é um dia especial, onde mais uma vez vou viajar em mais um livro seu. Li uma coisa muito triste sobre seu livro estes dias em uma revista, peço que você não ligue pra isso, pois os números dizem tudo e você é um ótimo escritor, pois você escreve com a alma, e não com “verbetes e gramáticas aplicadas”, por isso que você para mim é o maior escritor que eu já li.

[...]

Que Maria te abençoe!

Giovana – Mogi Guaçu-SP

Na postagem da leitora, o mal-estar em torno dos comentários feitos sobre o escritor também se converte em motivo de apoio e gesto de solidariedade ao “querido amigo”. Mantendo o tom de afetividade, a remetente se coloca na contramão dos críticos, confrontando-os com o que entende ser o maior valor de Paulo Coelho: não obedecer à erudição da escrita, aos “verbetes e gramáticas aplicadas”, e vender muitos livros, pois “os números dizem tudo”.

Os critérios dos quais ela se utiliza para enaltecer a produção de Paulo Coelho não devem ser aqui tomados como simples elogios. No campo da literatura moderna, o uso de uma linguagem acessível, associado às largas vendagens, representa a própria condição de existência e de circulação das produções massivas, desde pelo menos o folhetim. Pode-se então supor que, ao destacar o quesito dos números de vendagem, a leitora privilegia o valor da quantidade, como sinônimo de divulgação, “vulgarização” e disseminação da literatura. E a escolha se faria na contramão das categorias de unicidade e raridade, que são tradicionalmente empregadas para conferir a qualidade artística no âmbito da estética erudita. Na sua fala, os critérios eleitos constituem, portanto, motivos satisfatórios para que o escritor ignore a opinião da crítica especializada. “Peço que você não ligue pra isso”, declara num gesto tranquilizador, mostrando-se convicta do seu julgamento.

A iniciativa de defender o escritor a partir de critérios reconhecidamente rechaçados por uma tradição cultural erudita diz muito de uma postura que Pierre Bourdieu situa no campo do consumo das artes populares e massivas – o “princípio de recusa”. Reportando-se ao desdém que o público possa manifestar diante das formas e códigos impostos pela arte culta, o autor afirma que tal comportamento não pode ser interpretado apenas como fruto de uma falta de familiaridade com a linguagem. Nos

seus termos, os leitores ou receptores “insurgem-se não só porque não sentem necessidade destas representações puras, mas porque compreendem, às vezes, que sua necessidade vem da lógica de certo campo de produção que, por estas mesmas representações, os exclui”. Dito de outro modo, o público compreende muito bem que as obscuridades estéticas da arte, os seus refinamentos, correspondem a um “desejo de manter à distância o não-iniciado ou de falar a outros iniciados ‘passando por cima da cabeça do público’” (BOURDIEU, 2007, p. 36).

Interpretando o depoimento da remetente a partir dessa chave de leitura, nota-se que as suas pontuações, contrariando os valores convencionalmente articulados para qualificar a literatura, têm como fundo os choques de interesses ou jogos de força que envolvem as hierarquias das competências culturais entre especialistas e público. E essa forma de reação não se faz isolada no contexto dos *blogs*. Em outra mensagem, postada por uma leitora de Portugal, o princípio de recusa também se pronuncia, embora de modo mais enviesado. Aqui, a remetente não se dirige à crítica especializada em termos estritos, mas deixa flagrar a opinião que os leitores pejorativamente denominados comuns elaboram acerca dos critérios veiculados no campo da chamada alta literatura:

Maria

05/12/2006 às 1:13

Muito bom dia!

em primeiro lugar quero pedir-lhe desculpas por estar a fazer perder o seu tempo a ler um comentario de alguem que não lhe diz rigorosamente nada!(eu!) Mas eu vou escrever o meu comentario na mesma!

Chamo-me Maria tenho 18 anos e vivo na cidade do Porto, em Potugal! [...] ainda não li “Bruxa de Portobello” porque acabei de ler esta semana os livros “11 minutos” e “Zahir” simplesmente adorei!!! é incrível a forma como o senhor escreve, uma linguagem simples e ao mesmo tempo esclarecedora! Nem todos os autores conseguem fazer isso, e é por isso que muitas pessoas acham uma “seca” ler!

Plo menos em Portugal muitos autores escrevem de uma forma complicada... talvez para mostrar que percebem muito de literatura não sei... e no fim o pessoal adormece a ler aqueles livros! é isso que eu amo nos seus livros.. a forma como escreve, os temas que escolhe e a forma como fala deles! e é por isso que venho dar-lhe os parabens! [...]

Com os mais sinceros votos de felicidades e de um optimo trabalho:

Maria Leite

Na comparação com outros escritores (“Plo menos em Portugal”), que, não sendo particularmente nomeados, acabam configurando a categoria abstrata de uma

República das Letras, a diferença identificada em Paulo Coelho mostra-se emblemática. Enquanto o seu interlocutor no blog se destaca pela linguagem simples e escolha acertada dos temas e tratamentos literários, a “forma complicada” da escrita de outros autores é interpretada, pela leitora, como uma maneira de marcar o distanciamento em relação ao público. Esse distanciamento sugere uma postura de certo modo calculada, levando a inferir que os escritores agem assim “talvez para mostrar que percebem muito de literatura não sei...”, conforme declara.

Nessa apreciação que se pode considerar demasiado simplória, desprovida de grandes convicções e baseada numa experiência quase intuitiva, a leitora formula um conhecimento ao modo dos saberes dominados, na perspectiva de Michel Foucault – “uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou cientificidade” (FOUCAULT, 1979, p. 170).

Mas esses saberes, uma vez emergentes, buscam também legitimidade, o que se confirma no discurso da leitora, quando denuncia as exclusões que as produções vinculadas à estética erudita acabam promovendo. No seu discurso, fica destacado o efeito obtido por essas produções do ponto de vista das leituras ditas comuns: “e no fim o pessoal adormece a ler aqueles livros!” Ao considerar os livros entediantes, a remetente se firma na contramão das opiniões dos especialistas, tomando partido da imensa comunidade de leitores de Paulo Coelho, na qual ela evidentemente se inclui.

A compreensão crítica de como os critérios validados pelo campo literário instituído se fazem excludentes é reiterada em outra mensagem postada ao escritor. Nesse discurso, com o intuito de avaliar aqueles critérios e de colocá-los sob suspeita, nota-se uma demanda mais dirigida e contundente quanto aos aspectos abordados:

Priscila

28/06/06 às 15:14

[...]

Há muitos anos eu conheci seus livros e virei fã. Por sua causa, conheci Kalil Gibran pelas cartas que publicou no site, gostei tanto que comprei “O profeta”, um livro lindo e muito marcante na minha vida. Não tenho ídolos porque eu sei que por mais sabedoria que as pessoas demonstrem, todas são humanas e capazes de cometer erros mesquinhos. Sinto muita curiosidade sobre a vida, os gostos de pessoas que admiro, porque é assim que eu tenho amadurecido muito e aprendido: um autor me leva a conhecer outros dez. O que acho mais bacana dos seus livros é que você não escreve com pretensão de agradar à crítica literária, em utilizar linguagens rebuscadas, querendo parecer muito culto.

Escreve com o coração, e embora eu também admire algumas obras mais difíceis e denominadas “cult”, acho que existe uma minoria elitista muito preconceituosa no Brasil que critica tudo o que agrada ao “povo”.

Minha irmã mais nova odiava ler, eu a incentivei com seus livros, e hoje ela lê Eça de Queiroz, Jorge Amado e tudo o que lhe cair nas mãos. Precisamos incentivar o prazer da leitura porque temos uma população que não lê, e quando mandamos que crianças leiam em português arcaico nas escolas, formamos mais e mais pessoas que não gostam de leitura.

Obrigada por tudo e desculpe a empolgação no comentário...

Aqui, a remetente procura desmontar a lógica hierárquica que preside a distinção entre alta arte e cultura de massa ou entre os chamados “níveis de cultura”, conforme definidos por Umberto Eco (2004), no seu livro *Apocalípticos e integrados*. De acordo com as reflexões do autor, o que em tese representaria uma discriminação categórica entre obras artísticas consideradas esteticamente mais ou menos “elevadas” não se reproduz com tamanha rigidez quando se trata das apropriações e dos usos efetivos dessas obras. Todas as faturas, sejam aquelas que a crítica associa à alta cultura, sejam aquelas que não são incluídas nesses parâmetros, mostram-se passíveis de serem consumidas e igualmente legitimadas por uma mesma comunidade de receptores. Com essa constatação, a divisão estanque dos níveis culturais mostra-se equivocada, devendo, portanto, ser questionada.

Com um discurso bem distanciado das elaborações conceituais que o teórico investe na análise do tema, a leitora exprime tais conceitos a partir de sua vivência prática, por meio de exemplos tangíveis, que são comunicados com diligência ao escritor no *blog*. Quando registra que a irmã lê as obras de Paulo Coelho ao mesmo tempo em que consome uma literatura canônica e “tudo o que lhe cair nas mãos”, o seu raciocínio se aproxima das reflexões do eminente teórico italiano, desmontando aquela concepção estanque acerca dos níveis culturais. Aplicada à literatura, essa concepção toma a prática da leitura como um processo evolutivo, pelo qual os textos massivos, esteticamente mais simples (cunhados de literatura trivial, paraliteratura ou “de entretenimento”), vão sendo gradualmente abandonados em favor de experiências de leitura mais complexas ou “elevadas”, reportadas à literatura culta.

No seu discurso, ao deslocar esses pressupostos, a remetente se concentra então em propor uma pedagogia da leitura. Uma pedagogia que viesse substituir os procedimentos escolares tradicionais, “o português arcaico”, nos seus termos, com o intuito de superar a carência de leitura da população. Quanto se reporta aos interesses da coletividade, é notável que o seu entusiasmo

assume um tom da convocação, como se a leitora ocupasse o lugar de representante ou porta-voz do grande público. E tudo isso contra “uma minoria elitista muito preconceituosa no Brasil que critica tudo o que agrada ao ‘povo’”, conforme os seus termos.

A admiração declarada pelo escritor, recuperando uma visão romantizada do artista que “escreve com o coração”, reside justamente naquilo que a crítica desaprova, a saber, o fato de Paulo Coelho não “utilizar linguagens rebuscadas, querendo parecer muito culto”. Ao destacar positivamente a postura despreziosa do autor no trato com a linguagem literária, a leitora revela uma compreensão aguçada de que aquela distinção entre os níveis culturais também passa pelo jogo aurático, o qual implica em manter à distância os não-iniciados. Assim, o seu elogio à escrita acessível de Paulo Coelho pode ser interpretado como mais um gesto de insurgência contra o sentimento de exclusão que emerge diante das barreiras postas ao gosto e à competência do público. Um sentimento que, sem dúvida, mobiliza as inquietações de todos os leitores aqui citados, mas que é tratado de forma bastante diferenciada nesses últimos depoimentos.

As considerações desses leitores decerto não procedem à revelia de uma postura assumida pelo próprio escritor. Ao ser abordado para falar das críticas à sua literatura, Coelho também busca se resguardar, enaltecendo o potencial de comunicabilidade na linguagem dos seus livros e, em outros momentos, acusando os seus detratores de um elitismo declarado. Numa dessas ocasiões, quando instigado a falar das cobranças sobre a qualidade de sua escrita, o autor chega a proferir declarações de revide. Afirma, por exemplo, que a crítica especializada é retrógrada quando enaltece a estética da alta modernidade e se guia pelo “estilo já gasto do *nouveau roman*” (COELHO, 2003, p. 31). Em alguns depoimentos, dirige elogios a escritores brasileiros que, consagrados pelo público amplo, foram negligenciados ou mesmo desprezados pelos especialistas, a exemplo de José Mauro Vasconcellos, Malba Tahan e Jorge Amado. Juntamente com os comentários que os críticos emitem a seu respeito na mídia, tais declarações irão também ser agregadas à imagem do escritor, repercutindo junto ao público e servindo inclusive como reforço para as demandas que esse público expõe agora nos *blogs*.

As postagens dos leitores não devem ser interpeladas a título de textos críticos convencionais, como, aliás, não sugerem os seus formatos e nem tampouco as intenções de seus autores. Essa constatação não impede, contudo, de interpretá-las num viés consonante com os pressupostos veiculados por uma parcela da crítica literária que vem sendo atualmente praticada por diversos segmentos acadêmicos, mediada pelos estudos culturais. Grosso modo, essa proposta crítica se define por deslocar o

imperativo estético na avaliação dos textos, passando a levar em conta o próprio estatuto do literário, que é explorado em sua dimensão histórica e cultural. São reavaliados principalmente os lugares de enunciação a partir dos quais se conferiu ao discurso da literatura um *status* hegemônico no campo dos saberes e da cultura de forma geral.

Essa perceptiva de análise, promotora da diluição dos paradigmas estéticos sedimentados na modernidade, desperta reações adversas da crítica conservadora. Para essa última, diante da crítica cultural contemporânea, os critérios de validade artística estariam sucumbindo em favor dos gostos medianos do público e da condescendência dos novos críticos cujo olhar se dirige aos discursos minoritários e às transformações atuais no plano da cultura. Tudo isso somado a um contexto em que a crescente expansão dos mercados de bens simbólicos leva à multiplicação das fontes de legitimidade. Os conservadores lamentam a perda do espaço singular do artístico ou do literário, um espaço que, já não contando apenas com os especialistas que antes o autorizavam, dissolve-se mediante as contingências do mercado consumidor, razão pela qual aí se instalaria um relativismo valorativo questionável e ameaçador.

Ao situar a perda da soberania do literário e o relativismo de valores de que a crítica tradicional se ressentia, Eneida Maria de Souza explica:

as razões que motivam a defesa da literatura como manifestação singular e acima do senso comum dependem de critérios consensuais de determinada classe social, guiados pela relação entre cultura e poder, cultura e prestígio, critérios esses tributários da concepção mediatizada e institucionalizada da literatura. Por trás da discussão do gosto estético se acham inseridos problemas mais substantivos quanto à diferença de classe, à democratização da cultura e à perda do privilégio de um saber que pertencia a poucos (SOUZA, 2002, p. 71).

Pode-se afirmar então que, com os direcionamentos da crítica cultural, a discussão sobre os juízos valorativos não se dissipa em meio à relativização. Mas tais juízos tampouco são encarados como blocos fechados em torno de um único paradigma, seja este proposto pelo amplo mercado de bens de consumo, seja pelas instituições especializadas no trato com o literário. A crítica contemporânea investe na abordagem dos valores em sua pluralidade, o que lhe permite investigar o modo como se constituem os discursos hegemônicos sobre a literatura, indagando sobre quem os legisla e a quem foi negado o lugar do arbítrio. É evidente que, no mapeamento analítico dessas operações, os valores instituídos são desalojados, abrindo-se espaço para outros valores e saberes, muitos

dos quais, produzidos à margem, foram subjugados e tidos como menores.

Avaliados nessa perspectiva, os depoimentos dos leitores de Paulo Coelho, postados nos *blogs*, articulam saberes que lhes permitem identificar e questionar o lugar da instituição literária. Tal posicionamento se impõe com clareza sobretudo no caso da última mensagem transcrita acima. Não será demasiado afirmar que a proposta da leitora quanto a uma desierarquização dos níveis de leitura entre “alta” e “baixa” cultura passa também pela expectativa de romper a distância que separa a sua posição como leitora “comum” e o lugar majorado dos especialistas. Trata-se de uma demanda que decerto atravessa os outros depoimentos envolvidos com a temática, mesmo os daqueles leitores que escrevem a Paulo Coelho apenas para revelar os seus dilemas e impasses.

Através de diferenciados modos de ler e de dizer, o que está em pauta nessas mensagens é o desprestígio do escritor junto ao campo literário instituído e a forma como esse desprestígio atinge também a representatividade do seu público. É inegável que, ao investirem nesse tema, os remetentes tomam a reputação do escritor como se esta fosse a sua própria. Isso fica muito bem ilustrado em outro depoimento postado no *blog*: “Paulo, fico muito feliz quando vejo ou leio alguma reportagem falando de você, quando te elogiam me sinto elogiada também, mas quando te criticam me sinto criticada também”. A partir dessa identificação com o escritor, no confronto com a instituição literária, os leitores assumem duas posturas. Uma que expressa o conflito de ter ou não as suas preferências legitimadas. E outra que deflagra o princípio de recusa, apontando para uma espécie de contralegitimidade afirmativa, que faça valer os saberes em geral “irreconhecidos” pelas instâncias especializadas.

Diante dos textos críticos, publicados por jornalistas, ensaístas e professores que se dispõem a tecer apreciações nada amistosas sobre o escritor e o seu público, as falas esparsas desses leitores, postadas na mídia digital, não oferecem possibilidades de concorrência. Nessas falas anônimas, não credenciadas, não se podem ver configurados os elementos pertinentes a uma abordagem crítica do literário no seu sentido ortodoxo. Trata-se mais de bilhetes, “recados”, nos quais o tema da representatividade de Paulo Coelho, exposto às vezes de forma breve e desavisada, mistura-se com pequenos recortes de felicitações e outros assuntos laterais. Esses textos contam ainda com a “desvantagem” da ausência de perenidade, decorrente da lógica fluida que rege os arquivos digitais, podendo desaparecer a qualquer momento, uma vez encerrada a página eletrônica em que se armazenam.

Todavia, cercadas de condições que depõem sobre a sua relativa precariedade, as mensagens desse pú-

blico, se não concorrem com as abordagens da crítica especializada, por certo se expõem como apostas de leitura. No anonimato e dispersão das páginas dos *blogs*, se não rivalizam com as opiniões dos especialistas, esses depoimentos conseguem de algum modo respondê-las, provocando um estremecimento nas fronteiras do campo literário, para firmarem outras formas legítimas de ler, eleger e reivindicar a literatura.

Referências

- ANDRADE, Janilto. *Por que não ler Paulo Coelho...* Rio de Janeiro: Calibán, 2004.
- BARBOSA, João Alexandre. Dentro da academia, fora da literatura. *Cult*, São Paulo, ano VI, n. 70, 2003, p. 32-35.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Estudos).
- COELHO, Paulo. Entrevista. *Cult*, São Paulo, ano VI, n. 70, p. 30-31, 2003.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- KISS, Janice. Um mago ensina sua arte. *Jornal de Ribeirão*, Ribeirão Preto, p. 4, 15 nov. 1990.
- PAULO, Eloésio. *Os 10 pecados de Paulo Coelho*. São Paulo: Horizonte, 2007.
- PEN, Marcelo. Novo livro de Paulo Coelho naufraga em enredo desconexo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Ilustrada, p. 6, 30 dez. 2006.
- SITE OFICIAL DE PAULO COELHO. Produzido por Online Internet Services. Disponível em: <www.paulocoelho.com.br>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SUSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

Recebido: 10 de março de 2013
Aprovado: 13 de maio de 2013
Contato: sayo22@terra.com.br